

PARA UMA CARACTERIZAÇÃO TIPOLOGICA DO KARAIURÁ*

Lucy Seki (UNICAMP)

O objetivo do presente trabalho é apresentar aspectos da estrutura de uma língua indígena brasileira, o Karaiurá, vistos à luz da proposta tipológica do linguista russo G.A. Klírov (1972), conceituado especialista em línguas caucásicas e em Lingüística Geral. Com base em dados de um vasto número de línguas, inclusive do Karaiurá, Klírov postula a existência de um terceiro tipo estrutural - a estrutura ativa - ao lado dos tipos ergativo e nominativo. Como a obra de Klírov é pouco conhecida entre nós, procuraremos situar a sua contribuição no contexto dos estudos tipológicos soviéticos, para em seguida apresentar os fatos do Karaiurá sob o ponto de vista da estrutura ativa.

1. Atualmente a tipologia lingüística e a questão dos universais lingüísticos atraem de modo especial a atenção dos estudiosos em todo o mundo. Na União Soviética os estudos tipológicos se desenvolveram consideravelmente já nas décadas de trinta e quarenta e tiveram como um dos primeiros objetos de análise as línguas caucásicas. Entre os pioneiros no campo destaca-se a figura do linguista I.I. Meščaninov com pesquisas sobre as estruturas sintáticas e suas relações históricas em várias línguas.

* Uma primeira versão deste trabalho foi publicada na revista Língua e Literatura, nº 5, 1976, tendo a mesma sido prejudicada por erros tipográficos que em muito inviabilizam a leitura. Esta nova publicação deve-se à atualidade do assunto e ao interesse que o trabalho tem despertado. Embora desde então nossos conhecimentos da língua Karaiurá tenham aumentado consideravelmente, e embora tenha sido muito desenvolvida a fundamentação da 'estrutura ativa', optamos por manter essencialmente o texto original. As poucas alterações feitas referem-se basicamente à exclusão de observações sobre línguas ergativas e nominativas e à reorganização de exemplos e notas.

Agradecemos ao Prof. Boris Schnaiderman por seu constante estímulo, no processo de elaboração do trabalho, e ao Prof. Aryon Rodrigues pela leitura do manuscrito original e pelas valiosas sugestões.

O interesse quanto aos estudos tipológicos nessa época é perfeitamente compreensível se se considerar que nos primeiros anos que se seguiram à revolução de 1917 o ambiente era muito propício às comparações lingüísticas. Novas tarefas se colocaram à Lingüística, entre elas a criação de alfabetos, a organização de gramáticas e dicionários para cinquenta línguas ágrafas. Os estudiosos se defrontaram com inúmeras línguas "exóticas", pouco ou nada estudadas e muito ricas em fatos novos e interessantes. Sorrente entre as línguas caucásicas contava-se a existência de diversos grupos lingüísticos, cada um com seus traços específicos ao lado de traços comuns. Estas e numerosas outras línguas revelavam um material importante para a solução de problemas da lingüística tipológica, como o das construções específicas da frase (ergativa, dativa, etc), o desenvolvimento da estrutura morfológica e sintática e muitos outros (Filin, 1967).

Um grande estímulo para as pesquisas histórico-tipológicas nesse período era a busca de confirmação da teoria da stadialidade, proposta por N.I. Marr, segundo o qual o desenvolvimento da língua dependia diretamente do desenvolvimento da base econômica da sociedade. Estabelecendo a relação entre "formação lingüística" e formação social, Marr desenvolveu a idéia da sucessão histórica das formações lingüísticas, segundo a qual cada nova formação seria qualitativamente diferente da anterior, conservando apenas traços das formações precedentes (Dektereva, 1959; Čikobava, 1952).

A teoria de Marr foi, até certo ponto, desenvolvida por seu discípulo I.I. Meščanínov (1936, 1940). Considerando que as categorias sintáticas eram universais, Meščanínov tinha como centro de suas pesquisas o estudo comparativo dessas categorias em diferentes línguas. No livro Obšee Jazykoznanie (Lingüística Geral) o tema é abordado em relação ao desenvolvimento do pensamento e dos meios de sua expressão lingüística. São analisados o vocábulo-frase, os complexos incorporados como parte da frase, o estabelecimento da frase verbal, a estrutura possessiva, ergativa, "afetiva", locativa e nominativa da frase como estágios consecutivos no desenvolvimento da linguagem.

A teoria de Marr ocupou uma posição dominante na lingüística soviética até 1950, quando foi duramente criticada em discussão lingüística de que participou Stalin. Conforme observou Žimnuskij, num artigo em memória de Meščanínov, foi uma crítica "antes de mais nada do ponto de vista do 'bom senso' lingüístico. Nisto estava seu lado indubitavelmente positivo; o negativo logo se fez sentir no novo dogmatismo em relação a 'teoria lingüística' de I.V. Stalin" (Žimnuskij, 1967a). Realmente, ao lado de muitos pontos falhos da teoria de Marr, a crítica atingiu também seus aspectos positivos, e suas conseqüências se estenderam a outros problemas importantes que eram abordados pelos linguistas da época. Como resultado, nos anos subsequentes foram abandonados as pesquisas de questões lingüísticas direta ou indiretamente relacionadas a teoria da stadialidade, como as comparações tipológicas, a construção ergativa, a busca de traços do ergativo em línguas nominativas, etc. Posteriormente ressurgiu o interesse quanto a esses assuntos. Entre outros foram realizados descri-

ções da frase ergativa em comparação com a nominativa e de seus traços específicos em línguas de diferentes tipos e diferentes afiliações genéticas (Žimnuskij, 1967b) e fez-se um reexame crítico da questão da estadiabilidade com relação aos dois tipos de estrutura. Essas pesquisas, realizadas em ampla base empírica, com a utilização de técnica apurada, bem como fundamentadas em novos critérios, conduziram a um resultado bastante favorável quanto à hipótese de que a estrutura ergativa precede a nominativa. Por outro lado, os resultados de estudos histórico-comparativos de línguas indo-européias, camito-semíticas e turcas, trabalhos de reconstrução do ergativo arcaico bem como pesquisas de línguas indígenas americanas levaram à postulação de um terceiro tipo de estrutura, a ativa, como precursor tipológico das estruturas ergativa e nominativa¹.

2. Como de estrutura ativa (sistema ativo) são consideradas inúmeras línguas indígenas da América do Norte (Haida, Tlingit, Dakota, Choktaw entre outras) e da América do Sul (línguas da família Tupi-Guarani).

Por estrutura ativa G.A. Klírov designa um conjunto de traços estruturais correlacionados dos diferentes níveis das línguas em questão, conjunto que pode ser considerado como a realização de uma estrutura profunda situada em sua base. Segundo Klírov, "o determinante semântico da estrutura ativa é a oposição não dos princípios subjetivo e objetivo (como ocorre na língua de estrutura ergativa e, parece, nominativa) mas dos princípios ativo e inativo. Correspondentemente, a estrutura das línguas citadas está especialmente orientada para a transmissão não das relações subjetivo-objetivas, que aí encontram apenas expressão implícita, e sim das relações existentes entre os actantes ativo e inativo (o conceito de actante aqui utilizado é próximo ao conceito formulado por L. Tesnière)" (Klírov, 1972, pg. 4). Este determinante semântico organiza toda a estrutura da língua, refletindo-se em seus diferentes níveis, condicionando uma série de particularidades correlatas.

Assim, de acordo com Klírov, no nível lexical as línguas ativas apresentam uma divisão binária dos substantivos em ativos e inativos, baseada na oposição dos respectivos denotata segundo o princípio de presença ou ausência de atividade vital. Esta oposição lexical, que não se expressa formalmente nos próprios nomes, reflete-se nas particularidades sintáticas e morfológicas das línguas ativas.

Os verbos se dividem em ativos e estativos, segundo o princípio de atividade-inatividade de ação transmitida, destacando-se, não raro, um terceiro grupo, o de verba sentiendi. Observa-se, por outro lado, a existência de formas duplas de verbos semanticamente idênticos, empregando-se uma delas com os nomes ativos e a outra com os inativos.

Encontra-se frequentemente nas línguas ativas a oposição entre formas inclusiva e exclusiva nos pronomes de primeira pessoa do plural.

O predicado verbal desempenha um papel dominante nas relações sintáticas entre os termos da frase. Estão ausentes não só a categoria de tempo no verbo, o qual, por outro lado, varia amplamente quanto ao aspecto, mas também a categoria de voz. A variação semântica de verbos ativos do tipo "queimar", "queimar-se", regular-

mente encontrada, transmite a oposição das chamadas formas "centrífugas" e "centrípetas", comparável a oposição ativo-médio do Proto-indoeuropeu.

Entre as características morfológicas das línguas ativas Klímov cita a categoria morfológica de classe, bem como a diferenciação de duas séries de afixos pessoais, a ativa e a inativa, afixos esses referentes aos termos nominais que transmitem os actantes ativo e inativo. A conjugação tem, portanto, caráter misto de pessoa e classe. Em algumas línguas aparece uma terceira série, que se emprega com os verba sentiendi. Na estrutura morfológica do verbo ativo é obrigatória a presença de afixo da série ativa, sendo frequente, porém a ocorrência de afixos das duas séries, caso em que a forma é bi-pessoal. Já os verbos estativos se combinam apenas com os afixos da série inativa.

A categoria de número é raramente encontrada, o mesmo ocorrendo com a categoria de caso. Nas línguas em que existe esta última, há a oposição entre um caso ativo (marcado), no qual se expressa o sujeito de verbo ativo, e um caso inativo (não marcado), que expressa o complemento de verbo ativo e também o sujeito de verbo estativo. Por outro lado, os nomes das línguas em questão geralmente se combinam com posições de sintática locativa.

Outra importante característica das línguas ativas é a oposição de formas possessivas de pertinência orgânica (inalienáveis) e inorgânica (alienáveis). A primeira forma, expressa por afixos idênticos aos da série inativa, recebem apenas os substantivos referentes aos nomes da classe ativa. Estes substantivos incluem nomes das partes do corpo humano e de animais, partes das plantas, os termos de parentesco e denominações de objetos e conceitos intimamente relacionados ao homem. A forma de pertinência inorgânica, presente nos demais nomes, transmite-se ou pela forma de pertinência com afixo complementar, ou por uma série de afixos que coincidem com os índices pessoais dos verba sentiendi.

Klímov chama a atenção para o fato de existir nas línguas ativas uma relação bastante íntima entre o nome e o verbo, principalmente o estativo, o que se reflete na utilização, por ambos, de meios morfológicos comuns.

3. Uma das línguas indígenas brasileiras consideradas como de estrutura ativa é o Karaiuré (Tupi-Guarani), falada por índios da tribo de igual nome, que vivem na região do Alto Xingu. Serão apresentados a seguir alguns dados sobre a língua karaiuré, os quais a caracterizam sob o ponto de vista da estrutura ativa² (Ferreira/Seki, 1973).

3.1. Em Karaiuré distinguem-se duas classes de substantivos: I) os possuíveis, que se empregam com morfemas que exprimem o possuidor, e II) os não possuíveis, que não admitem esses morfemas. A classe de substantivos possuíveis compreende nomes das partes do corpo humano e de animais, partes das plantas; termos de parentesco; denominações de objetos e conceitos que apresentam relação íntima com o homem, como por exemplo: -juru "boca", -pepo "asa", -y "mãe", -y'yp "flecha", etc. À classe

dos substantivos não possuíveis pertencem as denominações de acidentes geográficos, elementos e fenômenos da natureza, nomes de animais, plantas e pessoas, como por exemplo: parana "rio", aran "chuva", ywytu "vento" akwamaʔe "homem", kujá "mulher", etc.

Os marcadores da pessoa do possuidor combináveis com os substantivos da Classe I apresentam formas diferentes para a primeira e a segunda pessoa do singular, para a primeira e a segunda pessoa do plural e para a terceira pessoa. No âmbito da primeira pessoa do plural há a oposição entre uma forma inclusiva (para designar um grupo de pessoas que inclui o interlocutor) e uma forma exclusiva (para designar um grupo de pessoas que não inclui o interlocutor). A terceira pessoa distingue uma forma reflexiva e uma irreflexiva³. Os marcadores de pessoa são os seguintes:

(1)	1a. sing.	je	2a. sing.	ne	3a. refl.	o-
	1a. incl.	jene	2a. pl.	pe	3a. irrefl.	i-,t-,h
	1a. excl.	ore				

Cada um dos prefixos de 3a. pessoa irreflexiva ocorre com determinado grupo de substantivos, o que permite distinguir três subclasses de substantivos, conforme ilustrada a seguir:

(2)	1. i- cĩ "nariz dele"	2. h-acĩ "chifre dele"	3. t-up "pai dele"
	i- py "é dele"	h-ekowe "coração dele"	t-aʔyt "filho dele"
	i- juru "boca dele"	h-ãj "dente dele"	t-ãŷj "avô dele"

Os substantivos possuíveis ocorrem necessariamente com o prefixo relacional r-∞-Ø quando antecidos por marcador de primeira ou segunda pessoa (singular ou plural), ou por outro substantivo, sendo que o alomorfe r - ocorre com os substantivos das subclasses 2 e 3, e o alomorfe Ø, como os substantivos da subclasse 1, como nos seguintes exemplos:

(3)	1. je Ø-py	"meu pé"
	ne Ø-py	"teu pé"
	jawara Ø-py	"pé de onça"
	2. je r-ekowe	"meu coração"
	ne r-ekowe	"teu coração"
	jawara r-ekowe	"coração de onça"
	3. je r-aʔyt	"meu filho"
	ne r-aʔyt	"teu filho"
	jawara r-aʔyt	"filho(te) de onça"

Esses fatos constituem, provavelmente, resquícios de um antigo sistema de classes, conforme sugerido por L. Barbosa (1956)⁴.

3.2. Em Karaiurá distinguem-se duas séries de marcadores de pessoa combináveis com radicais verbais: a ativa e a inativa. Os marcadores da série inativa têm forma idêntica à dos marcadores da pessoa do possuidor, inventariados em (1). As formas da série ativa, todas constituídas de prefixos, são apresentadas em (4):

- (4) 1a. sing.: a- 2a. sing.: ere- 3a. o-
 1a. incl.: ja- 2a. pl.: pe-
 1a. excl.: oro-

Correspondentemente distinguem-se duas classes de verbos pela possibilidade de ocorrência com formas de uma série ou de outra. A Classe I inclui verbos combináveis com os prefixos da série ativa, como -nupã "bater", -karu "comer", -?ata "andar", -?an "estar de pé", -ket "dormir", -manõ "morrer". À Classe II pertencem verbos não combináveis com os prefixos ativos, podendo ocorrer somente com os marcadores da série inativa. Alguns exemplos são: -katu "ser bom", -opej "estar com sono", -powj "ser pesado".

Os verbos da Classe II exprimem estado, qualidade. Os da Classe I exprimem ação, movimento, mas podem também exprimir estado. Portanto a divisão semântica dos verbos em Karaiurá apresenta desvios com relação à divisão sintática.

Os verbos ativos de um argumento ocorrem somente com os prefixos da série ativa. Os verbos ativos de dois argumentos podem se combinar com prefixos de uma ou de outra série, e também com os prefixos oro- e opo- para exprimir o sujeito e o objeto - ou o actante ativo e o inativo, na terminologia utilizada para a caracterização da estrutura ativa. Apenas um marcador ocorre no verbo e a escolha do marcado é feita conforme esquema que segue:

(5)

actante ativo (sujeito)	actante inativo (objeto)	marcador
qualquer pessoa	3a. pessoa	ativo
2a. pessoa	1a. sing.; 1a. excl.	inativo
3a. pessoa	1a. e 2a. pessoa	inativo
1a. sing., 1a. excl.	2a. sing.	oro-
	2a. pl.	opo-

Seguem exemplos ilustrativos do emprego de marcadores de pessoa com verbos ativos:

- (6) a. a-nupã "eu bato nele"
 ja-nupã "nós (incl.) bateros nele"
 oro-nupã "nós (excl.) bateros nele"
 ere-nupã "você bate nele"
 pe-nupã "vocês bater nele"
 o-nupã "ele(s) bate(m) nele(s)"
- b. je nupã "você(s) me bate(m)"
 ore nupã "você(s) nos (excl.) bate(m)"
- c. je nupã "ele me bate"
 jene nupã "ele(s) nos (incl.) bate(m)"
 ore nupã "ele(s) nos (excl.) bate(m)"
 ne nupã "ele(s) te bate(m)"
 pe nupã "ele(s) bate(m) em vocês"
- d. oro-nupã "eu te bato, nós (excl.) te bateros"
 o-po-nupã "eu bato, nós (excl.) bateros em vocês".

Nos casos em que o actante ativo e o inativo são co-referentes emprega-se o prefixo *je-*, que ocupa a posição entre o prefixo ativo e o radical verbal:

- (7) a. a - je - kyçi
 1s-JE-cortar "eu me cortei"
- b. a - kyçi
 1s-cortar "eu o cortei"

As formas com o prefixo *je-* conforme ilustrado em (7)a., podem ser interpretadas como centrípetas, em oposição as formas centrífugas, como no exemplo (7) b.

3.3. Em Karaiurá os substantivos e os verbos se diferenciam por determinados traços formais. Entre outros os substantivos se distinguem:

a) pela ocorrência, com o sufixo *-a*, "marca nominal". Este sufixo não está presente em nomes isolados, mas aparecer nos nomes incluídos em construções sintáticas:

- (8) a. jay "lua"
 jay-a tuwijap "a lua é grande"
- (9) a. jakare "jacaré"
 jakare-a r-ekowe "o coração do jacaré"

b) pela ocorrência com posposições que exprimem instrumento, causa, direção, etc:

(10) a. kye[?]i-a pupe ere-je - kyci
faca -m.n. Instr. 2s -Refl-cortar
"voce se cortou com a faca"

b. ko - a wi a-jot
roça-m.n. dir. 1s-vir
"venho da roça"

c) pela ocorrência de determinados afixos nominalizadores, como -tat(-at) "agentivo", -tap(-ap) "instrumentivo", e outros:

(11) a. juka-tat "matador"
ywō-tat "flechador"

b. karāj-tap "lápiz"
apyk-ap "banco"

Os verbos ativos se distinguem principalmente pela ocorrência com os prefixos da série ativa. Quanto aos verbos estativos, sua caracterização é antes de tudo negativa com relação ao substantivo e ao verbo ativo.

Em karaiurá, portanto, o nome e o verbo se distinguem mutuamente. Por outro lado o nome e o verbo, principalmente o estativo, apresentam características comuns, como por exemplo a ocorrência com marcadores da série inativa e com prefixos relacionais⁵. Observa-se, pois, uma relação próxima entre o nome e o verbo, o que é apontado como um dos traços característicos das línguas de estrutura ativa. Esta relação íntima entre as duas classes de palavras caracterizam também o Tupinambá, língua muito próxima ao Karaiurá, e em que "todos os temas podem apresentar-se em dois aspectos: nominal e verbal" (Rodrigues, 1953) e em que "a distinção verbo nome não é nítida, pois todo nome pode tornar-se verbo predicativo, e todo verbo no infinito é verdadeiro nome. Os mesmos morfemas parece terem dois 'status': o verbal e o nominal" (Barbosa, 1956).

Os dados apresentados mostram, a nosso ver, que o Karaiurá e, por extensão, outras línguas da família Tupi-Guarani, apresentam, efetivamente, muitos traços característicos do padrão da estrutura ativa postulada por G.A. Klírov.

NOTAS

1. A caracterização da 'estrutura ativa' foi apresentada pela primeira vez em Klírov (1972). Uma formulação mais profunda e detalhada foi feita posteriormente em Klírov (1977).

2. Os dados referentes ao Karaiará foram coletados pela autora em trabalho de campo junto aos falantes nativos no período de abril-junho de 1968.
3. Os marcadores de 1a. e 2a. pessoa são formas reduzidas dos pronomes independentes. Não há pronome de 3a. pessoa. Seu papel no paradigma é suprido por prefixos relacionais.
4. Comparar-se as formas cognatas do Tupinarabá: i-, t-, s-, er-. (Rodrigues, 1952, 1953; Barbosa, 1956).
5. No caso dos verbos os prefixos relacionais ocorrem principalmente em formas dependentes.

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, A.L. (1956) Curso de Tupi Antigo. São José, Rio de Janeiro.

ČIKOBAVA, A.S. (1952) Vedienie v Jazykoznanie (Introdução a Linguística), I, Moscou.

DEKTEREVA, T.A. (1959) "Razvítie metodov i óbšej problemátiki v soviétskom jazkoznánii" (Desenvolvimento dos Métodos e da Problemática Geral na Linguística Soviética). In: Principy Naučnogo analiza Jazyké (Princípios de Análise Científica da Língua), Moscou.

FERREIRA/SEKI, L. (1973) Jazyk Karaiurá - Fonétika, Fonolóquija, Krátkie Svědenija o Gramátike (Língua Karaiurá - Fonética e Fonologia, Aspectos da Gramática). Tese de Doutoramento, Moscou.

FILIN, F.P. (Red. resp.) (1967) Soviétskoie Jazykoznanie za 50 liét (A Linguística Soviética em 50 anos). Nauka, Moscou.

KLÍMOV, G.A. (1972) "K Kharakterístike Jazkóv Aktívnoho Strója" (Para a Caracterização das Línguas de Estrutura Ativa). In Voprosy Jazykoznanija, nº 4 (3-13).

_____. (1977) Tipolóquija Jazykóv Aktívnoho Strója (Tipologia das Línguas de Estrutura Ativa). Nauka, Moscou.

MEŠČANÍNOV, I.I. (1936) Nóvoie Učenie o Jazyké (Novos Ensinaamentos sobre a Linguagem). Leningrado.

- _____. (1940) Obšee Jazykoznanie (Lingüística Geral). Leningrado, 1940.
- _____. (1967) Ergativnaja Konstrúkcija v Jazykákħ Različnykh Típor (A Construção Ergativa em Línguas de Diferentes Tipos). Nauka, Leningrado.
- RODRIGUES, A.D. (1952) "Análise Morfológica de um Texto Tupi". Logos, nº 15, Curitiba.
- _____. (1953) "Morfologia do Verbo Tupi". Letras, nº 1, Curitiba.
- ŽIRMUNSKIJ, V.M. (1967a) "Pámiati Akadémika I.I. Meščanínova" (A Memória do Académico I.I. Meščanínov). In Voprosy Jazykoznenija, nº 3, p. 24.
- _____. (1967b) (Red. resp.) Ergativnaja Konstrúkcija Predložénija v Jazykákħ Različnykh Típor (A Construção Ergativa da Oração em Línguas de Diferentes Tipos). Nauka. Leningrado.